

O chão da escola é virtual

Graziele Amorim Arraes

06

O evento que teve como objetivo realizar um diálogo entre a universidade e a escola, abordou várias temáticas acerca dos desafios e propostas de fazer valer o direito à educação e diminuir as desigualdades sociais. Dentre as várias janelas, no dia 21 de julho de 2020, por meio da plataforma Youtube, ocorreu o debate em torno do trabalho docente no contexto de pandemia. Para tanto, tivemos a honra de ouvirmos e dialogarmos com três professoras, mães e acadêmicas os novos desafios de lecionar na modalidade remota nas escolas de Natal, Rio Grande do Norte.

Temas como desigualdades sociais, diversas realidades socioeconômicas do alunado, luta pelos direitos dos profissionais da educação, acúmulo de tarefas e maternagem fizeram parte das apresentações das professoras que trataram de uma realidade vivenciada por elas e com isso nos mostraram por meio do lugar de fala, não só os desafios, mas a necessidade de novas propostas para a continuidade da educação na modalidade remota.

Iniciamos com a apresentação da professora Nathalie Rose da Fonseca Araújo da rede pública/privada e mestranda em Inovação em Tecnologias Educacionais da UFRN, que de forma sensível iniciou sua fala com a reflexão de que os professores precisam ser acolhidos e não somente os alunos. Trouxe à tona como vivemos em meio às revoluções tecnológicas e o impacto que a pandemia trouxe como quebra aos nossos cotidianos, o que ela intitulou de “efeito susto”, já que no dia 17 de março de 2020 as aulas presenciais foram suspensas e tal medida exigiu que pensássemos rápido. Acredita que houve certa demora para pensar nas possibilidades e que isso nos trará prejuízo.

O privado tornou-se público e para atender aos anseios do ano letivo, muitas escolas permaneceram com aulas nos mesmos horários das aulas presenciais, o que nos mostrou as limitações, pois a rotina se tornou confusa, já que em casa várias tarefas e hábitos se misturaram, tornando cansativo tanto para alunos quanto para os professores.

Nessa rotina, que é um contínuo de atividades, trabalho e demandas afetivas dos filhos se misturam e sobrecarregam a figura do professor. Nathalie também nos fez pensar como o celular é uma extensão do nosso corpo, já que passamos a utilizá-lo constantemente seja para enviar as atividades via Whatsapp aos alunos, seja para responder dúvidas ou para demandas sociais.

Por atuar em duas realidades díspares, rede pública e privada, refletiu sobre as adversidades que famílias com menor poder aquisitivo sofrem em ter acesso à internet e celular. Enquanto, na rede privada atua em uma escola que é referência do Google, que dispõe de ferramentas de ensino, e os alunos têm total acesso.

Na segunda parte do evento, ouvimos a professora de matemática Carmen Cecilia Lins de Lima, que é mãe de dois filhos, cursa pós-graduação na UFRN e atua em projeto de extensão no pré-vestibular. Sua apresentação trouxe as vozes de muitas mulheres, mães e professoras, que segundo ela, devem estar sofrendo nesse contexto de pandemia por terem que vincular o particular e o público. Segundo Carmen: “O mais difícil não é ser só professor, mas ter toda uma vida para cuidar... professor trabalha muito mais em casa do que em sala de aula.”

Desafios do exercício da docência e os dilemas da maternagem no contexto da pande-

mia do novo coronavírus. Se o professor já trabalhava muito preparando aulas e depois dando essas aulas na escola, agora tinha o trabalho, atividades domésticas e cuidado com os filhos. Crianças pedem por atenção.

Carmen trouxe o termo maternagem, como forma de tirar desse silêncio milhares de mulheres, que acumulam tarefas, já que a noção de cuidado foi nos dada desde muito cedo dentro dessa cultural patriarcal, e que pode ser compreendida, segundo ela: como “a sensibilidade da mãe em decodificar e compreender as necessidades da criança (...)”. Era seu lugar de fala, já que ela tem dois filhos e se divide entre ser professora e dar conta das demandas da casa e afetivas. Essa maternagem no mundo pós-pandemia traz a perspectiva que tudo gira em torno da mãe, pois o mundo da família vai ser a própria casa, que antes era um refúgio. Nesse sentido, relata o quanto professores homens conseguem atender mais facilmente as expectativas das demandas como professor.

Por fim, tivemos a fala da professora Fátima Cardoso, militante da educação há quatro décadas que atualmente assumiu a direção geral do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do RN. Fátima nos alertou sobre como a escola se apresenta deficitária do ponto de vista da educação continuada, currículo e infraestrutura. Segundo a diretora do SINTE: “O capital trouxe novas tecnologias enquanto nas escolas ficamos com o quadro de giz”. Assim, Fátima nos despertou para uma sociedade que oculta as desigualdades sociais, que nesse momento de pandemia ficaram mais evidentes, pois alguns sequer têm celular e internet em casa. O SINTE tem chamado atenção para que as aulas remotas não sejam iguais para todos. Nem para

o profissional, tão pouco os estudantes que não têm acesso aos aparatos tecnológicos.

Sensibilizou a todos com a figura do profissional da educação que é desvalorizado, que acumula quadros de doenças por conta do excesso de trabalho. Segundo ela, o sentimento da rede pública é que não existem condições de dizer sim às aulas presenciais. Por fim, o movimento questiona as aulas remotas, pois acreditam que voltar às aulas em qualquer circunstância tem que ser a partir de total segurança dos profissionais e estudantes.

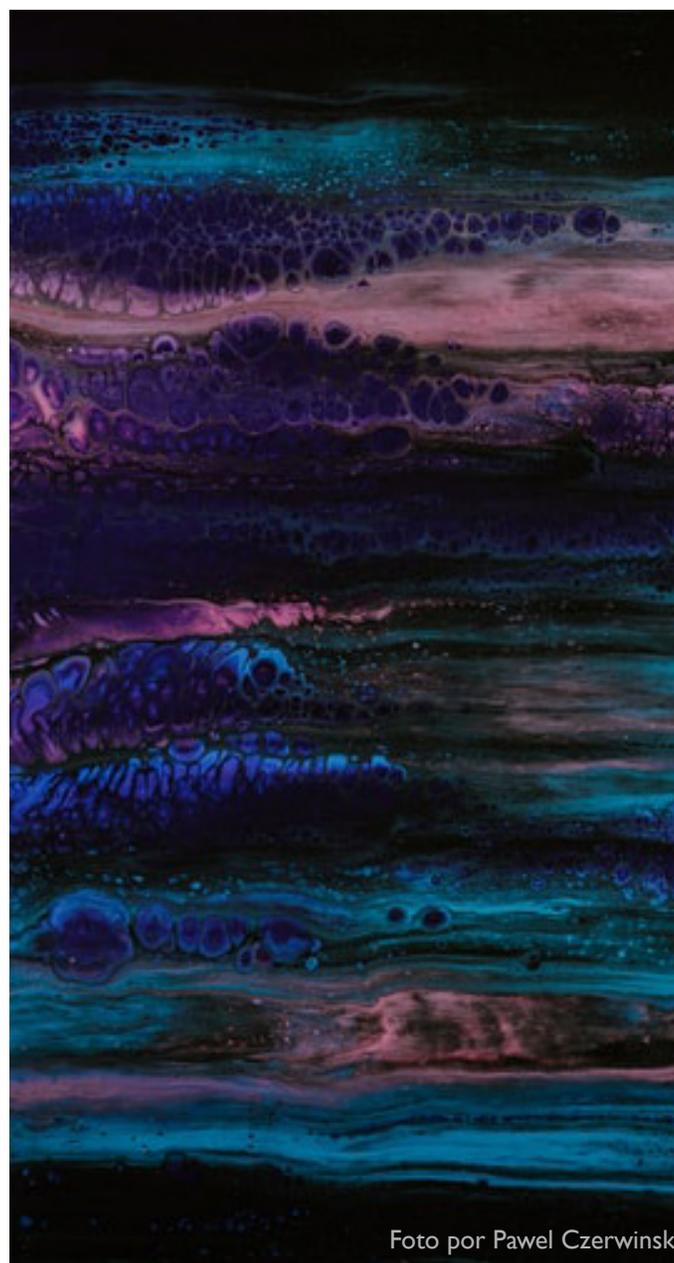


Foto por Pawel Czerwinski